

A questão da especialização precoce no esporte

Derli Juliano Neuenfeldt¹

Diego Hauschild²
Ezequiel Bottega
Marcelo Rabaioli

Resumo

Este trabalho vem, em primeiro momento, considerar as opiniões de autores em relação à especialização precoce, com isso demonstramos os principais meios que as crianças buscam por vontade própria, ou até por vontade dos pais para ingressar no esporte. Sendo assim, comentaremos sobre as escolinhas e as categorias de base dos grandes clubes que ao invés de se preocuparem com o ser humano “criança”, preocupam-se com o que estes podem lhe oferecer em troca futuramente. Também, abordaremos o treinamento especializado precoce e, logo após, sobre a presença das crianças na prática esportiva. Com isso pretendemos demonstrar a importância da Educação Física também fora da escola, e a necessidade de haver profissionais realmente competentes em todas as áreas que trabalham com crianças, para que elas sejam tratadas como seres completos (psicológicos, sociais, cognitivos...). Acreditamos que este trabalho vai acrescentar, para a vida, muito mais do que as medalhas que as crianças poderão vir a ganhar.

Palavras-chaves: esporte, educação física, especialização precoce, criança.

Introdução

Neste trabalho viemos demonstrar nossa preocupação sobre a iniciação ao esporte e o treinamento especializado precoce relacionado a crianças. Comentaremos os problemas que ocorrem hoje em dia e a importância de termos em todas estas áreas profissionais realmente capacitados, para orientar as crianças desde os momentos mais simples, ou até, em as principais dificuldades destas crianças, ou, jovens. Em primeiro momento comentaremos os problemas que geralmente ocorrem, nas escolinhas e nas categorias de base, não deixando de lado a influência dos pais sobre as crianças. Num segundo momento, nosso

¹ Prof. Ms. do Curso de Educação Física da UNIVATES

² Acadêmicos do Curso de Educação Física da UNIVATES

enfoque está voltado para o treinamento especializado precoce, e quais os problemas que este pode gerar na criança. Por último, comentaremos, como as crianças estão, hoje em dia, participando do esporte, e dos motivos pelo quais elas procuram, ou, são forçadas a ingressar no esporte.

Iniciação aos esportes: As escolinhas, categorias de base e a influência dos pais.

Sabe-se que com o passar dos tempos, cada vez mais, em todos os cantos do mundo há crianças que buscam no desporto uma forma de se exercitar, ou expandir seus movimentos. A causa desta procura pode ser a enorme estimulação dos pais, que vêem no esporte não somente um momento de lazer para seus filhos, mas também idealizar o sonho de um dia verem seus filhos defendendo uma nação, e quem sabe, com todos torcendo para ele diante da televisão. Chegam a sonhar que seus filhos poderão ganhar a quantidade absurda de dinheiro legada aos atletas que disputam os mais diversos esportes profissionalmente. Levados pelo gosto dos esportes e dos sonhos que estes promovem, pais buscam para seus filhos escolinhas, para que em primeiro momento eles aprendam a ser “craques”, nas suas concepções. Após isto ocorre uma busca constante para a realização do sonho, a entrada em algum dos chamados grandes clubes através de suas categorias de bases. Sendo assim ressaltamos a preocupação que os pais deveriam ter antes de “largarem” seus filhos em qualquer escolinha, pois se sabe que nem todos tomam os cuidados necessários para trabalhar com crianças. Outro aspecto a ser destacado é a necessidade de haver profissionais que realmente tenham condições de atuarem com estes jovens e crianças.

Sendo assim, agora comentaremos estes dois pontos polêmicos, ou seja, as escolinhas, e as categorias de base. Consideraremos que estas experiências vividas por muitos jovens, quando frustrantes, podem trazer um prejuízo para o contexto de vida, no futuro.

Quando as crianças adentram no esporte elas buscam inconscientemente a firmação de sua identidade, mas quando chegam nas escolinhas elas

defrontam-se com uma realidade totalmente oposta a sua necessidade, principalmente porque as escolinhas contam na maioria dos casos com treinadores que são meros praticantes do esporte ou ex-atletas, sem nenhuma formação acadêmica, educacional ou psicológica. Com isso, durante os chamados treinamentos, estes “instrutores”, visam o esporte apenas como meio de competição, de conquistar medalhas e ganhar títulos. Em estudo de Mandel e Hennequet (Durand apud Vargas Neto, 1999), constatou-se que 74% dos pediatras consultados consideram não conveniente a prática esportiva competitiva antes do final da puberdade. Estes dados vêm a acrescentar a nossa opinião sobre as escolinhas que não possuem profissionais aptos, e que não estão preparados para orientar esta etapa na vida das crianças. Francisco Xavier de Vargas Neto (1999) reforça esta idéia e acrescenta: *“a adequada prática esportiva e competitiva infantil vai depender de uma infinidade de fatores entre os quais podemos destacar: a formação e atuação do professor, os meios e objetivos propostos, a faixa etária das crianças, o tipo de competição a qual ela vai participar, a efetiva forma de participação da família no contexto, etc.”* (p.14).

Assim viemos ressaltar que, o instrutor de escolinha não pode ser apenas um treinador que busca nivelar os jovens atletas a exemplos de craques renomados. Existem vários aspectos, já citados, que devem ser levados em consideração quando se trabalha com jovens e crianças, buscando formar psicologicamente, social e fisicamente o homem que está por trás do jovem atleta.

Neste sentido, não somente as escolinhas estão despreparadas para receber as crianças, mas também os “todos poderosos” clubes, que agem sobre uma enorme quantidade de dinheiro, mas pouco investem na área. Consideramos as categorias de base uma das etapas mais importantes da vida de um clube, pois envolve a garantia de um bom futuro destes dentro do esporte, e se bem orientadas suas categorias de base menor seria o gasto futuramente na compra de jogadores, pois os craques que os clubes gastam milhões, para adquirir, poderiam estar dentro do clube, e com isso o próprio clube sairia lucrando. Mas pelo que vemos isto não se mostra mais importante e assim, os clubes vêm a

trazer malefícios aos jovens que os procuram na busca de realizarem seus sonhos.

Se além de tudo isso o jovem ainda persistir, e conseguir ingressar em um dos chamados grandes clubes, não pense que o martírio acabou por aí, pois é também dentro das categorias de base que ocorrem mal-tratos aos seres humanos. As categorias de base, nada mais são do que escolinhas voltadas para o rendimento, neste caso do próprio investidor, os clubes. Sendo assim, o que é mais lamentável, é que o investidor trabalha com enormes quantidades de dinheiro, mas também se percebe que muito pouco desta receita é investida nas categorias de base, que muito necessitam, e o investimento é com certeza no profissionalismo que por sinal é muito mais lucrativo no entender dos dirigentes. Vendo isto os que trabalham nesta área, na maioria das vezes, não são profissionais, o que faz com que estes recebam salários muito inferiores aos que trabalham com os atletas profissionais do clube. Isto, além de desestimular o trabalho, influi principalmente no acompanhamento que com certeza não é suficiente ao que os jovens necessitam. Como diz Brunoro (1997, p. 154): “*O diretor deste departamento deve ser muito bem remunerado caso o clube queira ter um profissional de alto nível tanto dentro como fora do campo*”. O que deve ser considerado nesta colocação é que se o salário fosse estimulante, e o investimento maior nas categorias de base, o trabalho dos que atuam na área, que em primeiro lugar deveriam ser capacitados para trabalhar com crianças, com certeza seria recompensador, dando o acompanhamento necessário em primeiro lugar aos jovens, e, em segundo momento, a maior infra-estrutura lhes traria, principalmente, condições para trabalhar a diversidade de movimentos durante os treinamentos o que seria muito mais adequado para os jovens e o que se torna necessário em todas as faixas etárias.

O Treinamento Especializado Precoce

Vamos abordar este tema não como técnicos esportivos interessados em humanizar o esporte de rendimento, mas como pedagogos, ou seja, profissionais de Educação Física, preocupados com as crianças e os jovens que estão sendo

conduzidos cada vez mais precocemente e com mais intensidade introduzidos a esta prática, visto que muitas vezes, estas crianças não estão ainda com seu desenvolvimento corpóreo finalizado, ou seja, em fase de desenvolvimento, o que acarreta, não só em danos psíquicos, mas também em danos físicos.

Sendo assim, a primeira pergunta que deve ser feita é: Qual é a responsabilidade pedagógica que devemos ter com a iniciação precoce de jovens, crianças e adolescentes, na prática do esporte de rendimento, visto que este tem o objetivo de participar sistematicamente de treinamentos e competições esportivas?

Sabe-se que o treinamento especializado precoce no esporte acontece quando as crianças são introduzidas, antes da fase pubertária, a um processo de treinamento planejado e organizado de longo prazo e que efetiva em um mínimo de três sessões semanais, com o objetivo do gradual aumento de rendimento, além de participação periódica em competições esportivas (Kunz, p.49).

Sendo assim temos, como profissionais de Educação Física, estar cientes que este problema é mais grave do que se pensa pois, hoje, temos crianças começando no esporte antes da fase pubertária, ou seja, já estão se especializando em determinados esportes ainda crianças. Além disto, há alguns anos, existiam testes para definir a aptidão física das crianças, com o intuito de as direcionarem para determinados esportes em que tinham mais aptidão, não deixando que existisse a livre escolha por parte dos praticantes.

Como cita Kunz (2000, p. 49). *“Este tipo de treinamento esportivo infantil acontece com maior frequência e intensidade nos países com hegemonia mundial, especialmente em esporte como a ginástica artística e rítmica ou natação e atletismo”.*

Os problemas que um treinamento especializado precoce provoca sobre a vida da criança e, especialmente, sobre seu futuro após encerrar a carreira esportiva podem ser numerados, tais como:

- Formação escolar deficiente, devido à grande exigência em acompanhar com êxito a carreira esportiva;
- A unilaterização de um desenvolvimento que deveria ser plural, e
- Reduzida participação em atividades, brincadeiras e jogos do mundo infantil, indispensáveis para o desenvolvimento da personalidade na infância.

Sobre este último problema, o pesquisador alemão Nitsch, citado por Düsenberg (1979, p.04), chega a afirmar que é:

Indiscutível que o treinamento esportivo precoce traz sérios prejuízo corporais à criança. Os próprios especialistas esportivos e da Medicina Esportiva acreditam nisto. Ao mesmo tempo em que afirmam, também que estes prejuízos podem através de um controle médico permanente e rigoroso, serem evitados. Só poderíamos acreditar nisto, se, com a descoberta de tais prejuízos à saúde, as imediatas conseqüências, no caso, seriam o fim do treinamento e das competições, o que em via de regra não acontece.

Com toda a certeza, nenhuma criança, por si só, optaria livremente em treinar o esporte de forma especializada, sistemática e intensa como normalmente é realizada, ou seja, com o objetivo de “arrancar” resultados cada vez melhores em menos tempo. Além disto, sabe-se, também, que além da vaidade e do espírito pretensioso dos que trabalham com este tipo de esporte, ainda há a própria cobiça nacional, por conquistas mundiais, com o reforço de peso da mídia sensacionalista.

Em relação a isto seria interessante analisar, ainda o grau de “comercialização” que os rendimentos esportivos começam a adquirir cada vez mais precocemente, ou seja, a partir de atletas muito jovens, pois percebe-se que, cada vez que um atleta jovem alcança algum resultado de expressão no cenário nacional ou mundial, a mídia eleva este esportista, e leva a, grande maioria, das crianças e jovens a praticarem o dito esporte, por exemplo o crescimento de

praticantes de tênis após as conquistas de Gustavo Kuerten, só para citar um exemplo, mas eles são inúmeros.

Para finalizar Kunz (2000, p. 54) coloca que “o que é esperado da criança que é introduzida no sistema esportivo de rendimento é o sucesso esportivo e o rendimento cada vez mais alto. Os níveis para alcançar tal sucesso já estão dados, são os próprios rankings infantis, juvenis, etc. e que jamais retrocedem. Portanto, os que buscam mostrar com veemência os aspectos positivos da prática deste esporte para crianças na verdade concentram seus esforços mais no sentido de salvar o esporte do que a criança que o pratica”.

Sendo assim temos que nos preocupar cada vez mais em salvar as crianças e não o esporte.

A Criança no esporte

Cada vez mais as crianças são estimuladas a participarem de escolinhas. Muitos pais matriculam seus filhos sem sequer consultá-los se gostariam ou não de participar de determinada prática esportiva. Segundo Becker Jr (2000, p. 17), *“o critério para escolha da atividade, muitas vezes é no horário onde os pais têm afazeres profissionais ou sociais, que os impedem de cuidar da criança”*. Muitas vezes, os pais introjetam determinados sentimento nas crianças, algo que eles gostariam de ter sido na infância e não conseguiram, sonhos frustrados, como por exemplo ser um atleta que desse orgulho ao seu país e aos seus pais. Por várias vezes, as cobranças que as crianças sofrem as fazem atingir níveis extraordinários de rendimento, porém ao atingir tais marcas, algumas podem demonstrar desmotivação, tristeza e até depressão, contribuindo para o abandono precoce da atividade esportiva.

Atualmente, crianças são submetidas a treinarem por 25 a 30 horas semanais, com poucas horas de folga para uma criança da sua idade (Weinberg & Gould, apud Becker Jr, 2000, p. 22). *“Além da busca pela perfeição, estas crianças buscam constante aperfeiçoamento, envolvidos em um sistema quase profissional, se não dá para chamá-lo de profissional”*.

Para Cratty (apud Becker Jr, pg 23, 2000) *“o modo como os pais, irmãos e amigos reagem aos primeiro fracassos, nas etapas evolutivas da criança, parece produzir maior ou menor confiança e auto-estima, refletindo nas suas condutas em competições”*.

O pai, figura masculina, é geralmente quem mais influência a criança ao ingresso no esporte, logo o comportamento que este possui frente ao filho durante os jogos afetará a criança e esta passará a possuir o mesmo. Da mesma maneira que há pais que apóiam a criança ensinando que no jogo há quem vença e quem perca, há também os que não admitem a derrota, fazendo dos filhos verdadeiras máquinas de competição.

Após os jogos, as crianças deveriam ser tratadas com afeto e carinho por suas famílias, seja qual for o resultado, dando maior certeza de que ela é amada como pessoa através do seu esforço e não somente pelo sucesso que atingiu na competição. Segundo Gervis (apud Becker Jr, 2000, p. 27) *“alguns pais deveriam ser conscientizados que a grande maioria dos jovens que praticam esporte nunca serão campeões ou atletas olímpicos, mesmo que eles, pais e treinadores, desejem isso”*.

Um tema que deve ser discutido é a síndrome de *burnout*, que significa esgotamento. É isso que leva vários jovens desportistas a abandonarem o esporte. A sociedade atual formou pessoas que não sabem perder, onde ser o melhor e ser o primeiro é o que importa. Podemos ver isso em qualquer atividade que realizamos com as crianças, seja em um simples jogo de *caçador* seja em uma interséries. Devemos fazer com que as atividades sejam realizadas sem que haja vencedores, ou melhor, onde ambos saiam vencedores. Fazendo isso, acreditamos que as crianças não desejariam abandonar precocemente o esporte, reduzindo aspectos que pudessem causar impactos negativos.

Muitas crianças abandonam os esportes devido a pressões externas, seja dos pais, seja do treinador. Muitas vezes as crianças são colocadas em escolinhas com treinadores que não possuem nenhuma condição de trabalhar com crianças, e que nem conhecem direito a importância da Educação Física, e que apenas

parou de jogar e disse que sabia ensinar. Porém não se pode deixar de comentar que este ex-atleta traz de suas vivência a experiência, mas será que para a criança só isto é suficiente?

Então o abandono esportivo se converte no principal fenômeno produzido pelo estresse, verificando que o estresse fica também refletido no baixo rendimento esportivo. Outras manifestações em jovens atletas são a falta de apetite, de sono, redução dos níveis de satisfação por este esporte, além de inúmeras lesões.

A recuperação depois de determinado campeonato é importante. Deixar que a criança relaxe e não pense em competição é muito importante para que ela não perca a vontade pelo esporte, além de deixá-la fazer o que as crianças deveriam, que é brincar sem se preocupar em resultado. Quando estiver chegando próximo a algum campeonato, daí sim retomar os treinos, mas sempre pensando no bem-estar da criança. Acreditamos que fazendo isso teremos sempre bons e saudáveis atletas não somente para aquele momento, mas sim para a vida toda.

Conclusão

Com este trabalho, nossa preocupação foi demonstrar a importância da Educação Física, porque ela é realmente necessária para a educação e formação dos seres humanos. Por isso, finalizamos com Vargas Neto (1999) que diz: *“Diferentes autores e quase a totalidade dos professores de Educação Física coincidem na afirmação de que é durante as primeiras etapas do aprendizado esportivo que se deve estabelecer as bases do futuro rendimento, e jamais buscar rendimentos imediatos”*.

Portanto, precisamos levar em conta o ser completo (psicológico, social, cognitivo...) do jovem que busca a prática de esportes e não apenas o potencial físico. Saber trabalhar a competitividade, a vitória e a derrota, a socialização dos atletas em seu ingresso no esporte, trará muito mais vantagens para este ser humano do que as medalhas que ele poderá vir a conquistar. E também, é muito

importante comentar, que além de tudo isto também é necessário trabalhar a diversidade de movimentos, e esportes, e sempre dando liberdade para a criança fazer a sua própria escolha, e aí sim planejando seu futuro, sem que ninguém a obrigue a participar de situações que para ela não é interessante.

Bibliografia de Consulta

BECKER JR, Benno. Psicologia aplicada à criança no esporte. Novo Hamburgo: Feevale, 2000.

BRUNORO, José Carlos e AFIF, Antonio. Futebol 100% profissional. São Paulo: Gente, 1997.

KUNZ, Elenor. Transformação Didático-Pedagógica do Esporte. Ijuí: Unijui, 2000.

MOREIRA, Wagner; PELLEGRINOT, Idico & HEBLING, José Carlos. Futebol Evolução. São Paulo, 1992.

NETO, Francisco Xavier Vargas. A iniciação nos esportes e o risco de uma especialização precoce. Revista Perfil. URGs. 1997.